



Os hinos a Cristo na Epístola aos Colossenses – 2.^a parte

Depois de nos termos dedicado a Jesus Cristo como sendo à imagem e semelhança de Deus, na primeira parte, vamos agora dedicar este artigo ao Filho de Deus, a cabeça da comunidade, o primogénito dos que morreram, e o Reconciliador.

— O texto bíblico

O qual [o Filho de Deus] é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação.

Porque nele foram criadas todas as coisas que há, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele.

E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo da igreja,

é o princípio e o primogénito de entre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse, e que, havendo por ele feito a paz, pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus.

— Jesus Cristo, a cabeça da comunidade

Depois da afirmação fundamental, de que o Filho de Deus é a origem e a meta da criação, segue-se, na estrofe intermédia, a referência à natureza pré-existente e supra-temporal do Filho: «E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele» (Aos Colossenses 1:17). Em João 8,58, Jesus disse próprio: «Antes que Abraão existisse, eu sou.» Esta frase vai no mesmo sentido que aquela dos hinos na carta aos colossenses. Aquele Ser-Antes-De-Todas-Coisas, isto é, o aspecto temporal, encontra a sua correspondência numa 'determinação local': «todas as coisas subsistem por ele». Tudo o que é, não é apenas criado pelo Filho de Deus, Ele não é apenas a condição daquele que é, Ele também é aquele que garante, a fonte da vida daquele que é. Foi nesse sentido que Jesus pôde falar de si próprio, em João 14:6, como sendo a «vida», isto é, como sendo a instância da qual brota a vida e na qual é possível, exclusivamente, haver vida. Jesus Cristo como Criador e Sustentador da criação!

A afirmação seguinte traz um novo aspecto temático aos hinos: «E ele é a cabeça do corpo da igreja» (Aos Colossenses 1:18a). Nos versículos antecedentes falava-se do Filho de Deus como imagem à semelhança de Deus, como primogénito e criador. Tudo isto o identifica como regente. A respectiva imagem é o termo "cabeça". Se Jesus Cristo é designado como sendo "a cabeça", isso demonstra a Sua natureza de regente: Diz-se, expressamente, que Ele é "a cabeça do corpo". Na Antiguidade, o corpo frequentemente era o símbolo do cosmos como organismo; o mundo surge como um corpo. Mas na epístola aos Colossenses, fala-se de que Jesus Cristo é "a cabeça do corpo da igreja". A própria igreja, numa linguagem figurativa que se encontra repetidas vezes nas epístolas paulinas, é um corpo, ou seja, um contexto orgânico. Em Romanos 12,4-8 e 1.^a aos Coríntios 12,12-20, a Igreja local é designada de corpo de Cristo. Na epístola aos Colossenses, a visão é agora mais ampla: já não se fala da Igreja local, isto é, da comunidade, mas sim da igreja global. Ele é regida por Jesus Cristo, é nela que a Sua natureza de regente se manifesta da forma mais imediata. Ela é a Sua criação e ela vive d'Ele e subsiste por Ele. Este conceito encontra-se de forma parecida na Epístola Aos Efésios 1:22.23: «E sujeitou todas as coisas aos seus pés, e sobre todas as coisas o [Jesus Cristo] constitui como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.»

— Jesus Cristo, o primogénito de entre os mortos

Enquanto que na primeira estrofe dos hinos se dizia que Jesus Cristo é a imagem à semelhança, o primogénito, a segunda estrofe complementa estas afirmações: «É o princípio» (Aos Colossenses 1:18b). Em Provérbios 8:22-23, a sabedoria diz de si própria algo parecido: "O Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, e antes das suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio, antes do começo da terra.» Aqui, fala-se da natureza eterna da sabedoria em Deus e estabelece-se um relacionamento com as obras, a criação. O Filho de Deus também é "princípio": Ele é a condição da criação. Já na primeira estrofe houve referência a este aspecto. Ele é "princípio" num sentido mais vasto, nomeadamente como "primogénito de entre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência." A afirmação de que o Filho é "o primogénito de toda a criação", é retomada neste ponto e contextualizada com a esperança cristã no futuro, nomeadamente na ressurreição dos mortos. Jesus é o primeiro que ressuscitou dos mortos. É n'Ele que a esperança da ressurreição é fundamentada. A argumentação usada em 1.^a aos Coríntios 15,20-22 é semelhante e, ao mesmo tempo, Jesus é evidenciado como sendo o novo Adão: «Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida.» Na ressurreição encontra-se fundamentado e simultaneamente antecipado aquilo que acontecerá no futuro: a regeneração do homem e do mundo.

O final do versículo confirma a posição exuberante do Filho de Deus e mostra por que foi necessário falar da "imagem à semelhança", do "primogénito", da "cabeça" e do "princípio": «... para que em tudo tenha a preeminência.»

— Jesus Cristo, o reconciliador

Agora, é dada a conhecer a explicação da posição exuberante que Jesus Cristo tem na criação e na Sua igreja: «Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse» (Aos Colossenses 1:19). A posição do Filho como Criador e Redentor é a forma de expressão da vontade divina. A afirmação central é que no Filho de Deus "toda a plenitude habitasse". "Plenitude" é o termo central do versículo 19. Na versão grega, o termo usado é "Pleroma" (cf. João 1:16; Aos Efésios 1:23). Este termo é interpretado de forma distinta pelos estudiosos neotestamentários, nomeadamente como "plenitude total da natureza de Deus", "essência da natureza divina", "plenitude das forças misericordiosas que permitem criar vida a partir da morte" ou, também, "aquilo que faz Deus ser Deus". "Toda a plenitude", no fundo "a plenitude da plenitude", provavelmente designará principalmente as forças da graça e da vida que se tornam acessíveis unicamente através de Jesus Cristo. Esta "plenitude" é manifestada na criação desde a ressurreição de Jesus dos mortos.

Outra forma de expressão da plenitude divina é também a "reconciliação" que ocorre através de Jesus Cristo. Os hinos dizem que Deus «por meio dele [Jesus Cristo] reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus». Os hinos na carta aos Colossenses falam de uma reconciliação que abrange todas as áreas da criação, as invisíveis e as visíveis ("terra", "céu"). É nela que se expressam a vontade salvífica absoluta de Deus e o Seu amor para com toda a criação. A reconciliação e a paz pertencem uma à outra. A paz é alcançada através do sacrifício de Cristo, nomeadamente pelo "seu sangue na cruz". A referência que se faz à cruz é uma maneira de indicar que a paz e a reconciliação têm, o seu fundamento num acontecimento histórico. O "sangue na cruz" reverte directamente para o sofrimento e a morte de Jesus, tal como são testemunhados nos Evangelhos.

Nos hinos da carta aos Colossenses, é estabelecida uma interligação muito estreita entre a criação e a redenção. Desta forma, fica excluída qualquer depreciação do Criador e da criação, como alguns propagadores de doutrinas gnósticas erróneas o praticaram. O Filho de Deus é a causa e o regente da Sua criação, mas a Sua regência evidencia-se, em primeiro lugar e com maior clareza, na Sua igreja, cuja "cabeça" Ele é. Apesar do pecado original, a criação não foi rejeitada, antes é objecto da redenção. Esta redenção não é obra de nenhum ser humano, mas antes fundamentada no acto pacificador de Deus, quando fez Jesus Cristo tomar sobre si o pecado do mundo e de cada indivíduo.

À semelhança do hino ao verbo, no Evangelho de João, e do hino a Cristo, na carta aos Filipenses, os hinos da carta aos Colossenses são uma das estações importantes a caminho do entendimento de Jesus Cristo que acabam por fazer-nos falar d'Ele como verdadeiro Deus e verdadeiro homem.